

Entrevista com Jurandir Freire Costa

1.

A pergunta joga com a dupla significação da palavra “sentido”. Na expressão “cinco sentidos do corpo”, o termo “sentido” tem a acepção de equipamento sensorial pelo qual os organismos humanos se relacionam com o ambiente: visão, audição, tato, gosto e olfato. No segundo uso de “sentido”, o referente da palavra é da ordem do “valor”. Nessa acepção, a expressão “sentido do corpo contemporâneo” equivale, aproximadamente, ao valor ético ou moral do corpo na atualidade. Se bem entendi, portanto, a questão poderia ser rephraseada da seguinte maneira: que valor podemos dar ao corpo na contemporaneidade, além de seu valor biológico de ajuste ao meio? Desse aspecto, acho que, de fato, uma parcela importante do imaginário moderno, científico ou leigo, tenta fazer do corpo físico a chave epistêmica, ética e ontológica do sujeito. Explicitando, estamos cada vez mais predispostos a crer que “o que somos”, “o que devemos ser” e o que “podemos conhecer sobre nós mesmos” depende de nossa realidade anatomofisiológica. Passamos de uma fase na qual decretamos a autonomia da mente em relação à matéria, para outra na qual estamos tentando convencer-nos e aos outros de que nada mais somos do que secreções e excreções metabólicas. A meu ver, isso é um equívoco sem tamanho. Valores, ideais, desejos e crenças dependem, obviamente, da ação e da percepção de nosso corpo físico na interação com as coisas e eventos do mundo material. Mas, a partir dessa operação básica de ajuste ao ambiente, tudo mais é produto da imaginação e da inteligência. Ou seja, de nossa fantasia e nossa habilidade lingüística. Sem fantasia e sem linguagem, não saberíamos o que é valor, ideal e desejo. E sem desejos e ideais não seríamos seres livres e responsáveis. Portanto, o sentido do corpo

[Cad. Psicanal., CPRJ, Rio de Janeiro, ano 26, n.17, p.33-35, 2004]

contemporâneo é o sentido que venhamos dar a ele, na rede de atos, desejos e compromissos que venhamos a assumir no mundo de todos, como sujeitos autônomos e criativos. O debate sobre o que chamamos de “cultura do corpo”, assim, deve partir desse princípio: o que quer que venhamos a pensar sobre o corpo ou a fazer do corpo, será sempre alienante, se não levarmos em consideração a dimensão ética do desejo humano na constituição de nossa subjetividade. Falar do corpo como se fôssemos um conjunto de processos físico-químicos ou de trocas metabólicas é uma ilusão das ideologias cientificistas ou, o que é pior, das ideologias midiáticas. Recordemos Freud: o eu é uma projeção da superfície corporal, mas uma projeção no escuro! Sem a iluminação da linguagem e da imaginação o corpo nada diz ou mostra do sujeito, exceto aquilo que ele tem em comum com os demais seres vivos. Ora, isso é pouco, muito pouco, se quisermos construir um aparato civilizatório, uma cultura que dignifique o que pudemos inventar de mais criativo, de mais belo, de mais compassivo ou de mais curioso na esfera dos negócios humanos.

2.

Penso que nossa preocupação não deve ser a de delimitar os “limites do corpo” mas a direção ética que a expansão desses limites irá tomar. Novamente, retomo Freud. O problema dos artefatos tecnológicos não é o de aumentar nossas habilidades físicas ou mentais; é o de que venhamos a nos conduzir narcisicamente como “deuses protéticos”! Conduzir-se como um “deus protético” é imaginar que nossa completude imaginária pode se realizar; é deixar-se seduzir pelo apelo de que poderemos, pela incorporação de artefatos ao corpo, dispensar o concurso do outro na realização de nossos ideais éticos e nossa felicidade pessoal. Em suma, o risco do corpo tecnicamente amplificado ou modificado é o de virmos a cair no engodo da onipotência ou auto-suficiência narcísica. Se estivermos atentos a esse risco, então, qualquer progresso tecno-científico é bem-vindo. Nada mais admirável do que presenciar as invenções tecnocientíficas do espírito humano postas a serviço do combate ao sofrimento, da luta contra a desigualdade ou da curiosidade quanto a novos mundos e formas de vida. A psicanálise é aberta ao futuro, e não tem dívidas para com o passadismo ou o obscurantismo. Todo progresso vale a pena, se a responsabilidade para com o que criarmos não for pequena. Se nosso corpo, um dia, for até onde estão as estrelas, melhor para nós e para as estrelas. Desde, é claro, que não queiramos fazer desse megacorpo uma “megaestrela”.

3.

Em minha opinião, pensar sobre o corpo na atualidade é, sobretudo, entender que a dimensão narcísica não esgota o papel da corporeidade no equilíbrio psíquico. A *imagem corporal* narcísica - voltemos a Freud - é apenas “*uma imagem*”. O corpo, além da imagem que possamos ter dele, possui outra realidade, a do *esquema corporal*. Essa realidade é da ordem da Ananké e não Libido. Se o uso narcísico do corpo rompe o pacto de não-sexualização com a autoconservação, entramos no terreno dos sintomas patológicos. Isso de um lado. De outro lado, se a ênfase no gozo das sensações monopolizar os investimentos egóicos, o sujeito passará a privilegiar sua expressão como “eu senciante” em detrimento de sua expressão como “eu agente”. Ora, a atrofia da ação no mundo, no ambiente, como mostrou Winnicott, inibe a constituição do espaço transicional, da criatividade e, por último, da estabilidade psicológica. Portanto, do ponto de vista metapsicológico, sugiro que aprofundemos a *dinâmica* do conflito entre a imagem corporal e o esquema corporal e a *economia* do conflito entre o eu senciante e o eu agente. Este vocabulário talvez pareça um pouco estranho à nossa terminologia usual. Mas acredito que, observado com cuidado, pode trazer bons frutos teóricos e clínicos.

Jurandir Freire Costa

Membro Efetivo do Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro

Psicanalista, Professor Titular do Instituto de Medicina Social da UERJ

Setembro de 2004